

Nós, Imperadores

1232 Sem Baleia

Rubem Braga

FOI em agosto de 1838 que correu na cidade o boato de que havia duas baleias imensas em Copacabana. Todo mundo correu para essa praia remota, muita gente dormiu lá em barracas, entre fogueiras acesas, e Pedro II também foi com gente de sua imperial família ver as baleias. O maior encanto da história é que não havia baleia nenhuma. Este imperador saindo de seus paços, viajando em carruagem, subindo o morro a cavalo para ver as baleias, que eram boato, é uma coisa tão cândida, é um Brasil tão bôbo e tão bom!

Pois bem. No comêço da última guerra havia uns rapazes que se juntavam no Bar Vermelho, para beber umas coisas, ver as môças, bater papo. Ah! — como dizia o Eça — éramos rapazes! E entre nós havia um poeta que uma tarde chegou com os olhos verdes muito abertos atrás dos óculos, falando baixo, portador de uma notícia extraordinária: a esquadra inglesa estava ancorada na lagoa Rodrigo de Freitas! Ah!, éramos rapazes! Visualizamos num instante aquela beleza, a esquadra amiga, democrática, evoluindo perante o Jôquei Clube, abençoada pelo Cristo do Corcovado entre as montanhas e o mar. Eu me ri e disse: poeta, que brincadeira, como é que a esquadra ia passar por aquê canal? Ele respondeu: pois é, isto é que é espantoso! Em volta, as môças acreditavam. Em que as môças não acreditam? ~~Elas não acreditam?~~ Elas não sabem geografia nem navegação, são vagas a respeito de canais, e se não acreditarem nos poetas, como poderão viver? Mas houve protestos prosaicos: não era possível! O poeta tornou-se discreto, falava cada vez mais baixo: está lá. E como as dúvidas fôsem crescendo, grosseiras, êle confidenciou: quem viu foi d. Heloisa Alberto Tôrres!

Ficamos um instante em silêncio. O nome de uma senhora ilustre, culta, séria e responsável era colocado no mastro real da capitania da esquadra do almirante Nelson pelas mãos do poeta. E o poeta sussurrou: eu vou para lá. Então as môças também quiseram ir, e como é bom que rapazes e môças andem juntos, nós partimos todos alegremente — ah!, éramos rapazes! — , mesmo porque lá havia outro bar, no Sacopã.

Já havia o Corte do Cantagalo? Não havia o Corte do Cantagalo? A tarde era fresca e bela, não me lembro mais de nosso caminho, lembro da viagem, as môças rindo, tudo sôbre nossas cabeças de jovens era pardo, o govêrno era nazista, a gente lutava entre a cadeia e o mêdo, com fome de liberdade — e de repente a esquadra inglesa, tangida pelo poeta, na lagoa Rodrigo de Freitas. Fomos, meio bebidos, nosso carro desembocou numa rua, noutra, grande emoção — a lagoa! Estava mais bela do que nunca, levemente crespa na brisa da tarde, debaixo do céu azul de raras nuvens brancas perante as montanhas imensas.

Não havia navios, Rimos, rimos, rimos, mas o poeta, de súbito, sério, apontou: olhem lá. Céus! Na distância das águas havia um mastro, nêle uma flâmula que a brisa do Brasil beijava e balançava, antes te houvessem róto na batalha que servires a um povo de mortalha! O encantamento durou um instante, e nesse instante caiu o Estado Nôvo, morreram Hitler e Mussolini, as prisões se abriram, raiou o sol da liberdade — mas um desalmado restaurou a negra, assassina, ladravaz ditadura com quatro palavras: E' o Clube Piraquê de mastro nôvo!

Então bebemos, o entardecer era lindo na beira da lagoa, as môças ficaram meigas, eu consolei a todos com a história do imperador sem baleias. O poeta Vinicius disse: nós somos imperadores sem baleias! Ah, éramos rapazes!

capitania 1

H

7